

OCORRÊNCIA DE BRUCELOSE BOVINA NA REGIÃO SUL DO RIO GRANDE DO SUL NO ANO DE 2009

BISOL, Luana Biazus¹; GONZALEZ, Helenice de Lima¹; DIAS, Priscila Alves¹; SHEID FILHO, Virgílio Balduino¹; TIMM, Cláudio Dias¹

¹*Inspeção de Produtos de Origem Animal, Faculdade de Veterinária, Universidade Federal de Pelotas*
luana_bb@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A brucelose bovina é uma doença zoonótica de distribuição mundial responsável por consideráveis prejuízos econômicos no rebanho bovino podendo representar perigo para a saúde pública (GYLES et al, 2010). A doença é causada por *Brucella abortus*, uma bactéria Gram negativa, em forma de bastonete, que provoca graves transtornos reprodutivos em fêmeas, como abortos, retenção de placenta e secreção vaginal purulenta, além de infecção da glândula mamária (VERONESI, 1996). Nos machos, orquites e epididimite ocorrem ocasionalmente (BEER et al, 1999). A maioria dos casos de brucelose em humanos está diretamente relacionada com a atividade profissional, ocorrendo em fazendeiros, veterinários, retireiros e açougueiros (VERONESI, 1996).

Em 2001, o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) criou o Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose Animal (PNCEBT) para garantir que os produtos de origem animal que chegam ao consumidor apresentem boa qualidade e baixo risco sanitário. Esse programa introduziu em todo território nacional a vacinação obrigatória contra a brucelose bovina e criou estratégias de certificação de propriedades livres ou monitoradas. Essas medidas, juntamente com a fiscalização do trânsito de animais para reprodução, têm sido utilizadas com vistas ao controle e erradicação da doença no país (BRASIL, 2006).

As fêmeas bovinas devem ser vacinadas contra a brucelose entre o 3^o e o 8^o mês de vida e só devem ser submetidas a testes diagnósticos quando possuírem idade igual ou superior a 24 meses. As fêmeas não vacinadas e os machos podem ser submetidos a exames para diagnóstico de brucelose a partir de 8 meses de idade (BRASIL, 2006).

Devido à brucelose ser uma doença de caráter zoonótico, a prevenção e a profilaxia são fundamentais. Deve ser feito o monitoramento dos rebanhos, com a identificação e sacrifício dos animais portadores de *Brucella abortus*.

Esse estudo tem como objetivo avaliar a ocorrência de brucelose em bovinos da região sul do Rio Grande do Sul no ano de 2009.

2. METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Amostras de sangue de 1506 animais (58 machos com mais de 8 meses de idade e 1448 fêmeas com mais de 2 anos) foram coletadas de 63 estabelecimentos rurais do sul do Rio Grande do Sul.

As amostras foram submetidas à prova do antígeno acidificado tamponado (AAT), para o diagnóstico presuntivo de brucelose, e ao teste do 2-mercaptoetanol (2-ME), para a confirmação do diagnóstico, segundo as técnicas preconizadas pelo MAPA (BRASIL, 2006)

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a coleta do material e realização dos testes, verificou-se que do total de 1506 animais, 87 (5,78%) apresentaram reação positiva no teste AAT, todos eles fêmeas (Tabela 1).

Tabela 1: Resultados da prova do antígeno acidificado tamponado.

Animais testados	Positivos	Negativos	Total
Machos (%)	0 (0)	58 (100)	58 (100)
Fêmeas (%)	87 (6,4)	1.361 (93,6)	1448 (100)
Total (%)	87 (5,8)	1.419 (94,2)	1.506 (100)

Os resultados obtidos no AAT não se mantiveram no teste confirmatório do 2-ME (Tabela 2). Os resultados falso-positivos obtidos no AAT podem ser explicados pelo fato deste teste ser muito sensível e pouco específico, sofrendo interferência da presença de anticorpos produzidos por infecções causadas por outras bactérias. O 2-ME é um teste quantitativo seletivo que detecta somente a presença de IgG no soro, que é a imunoglobulina indicativa de infecção crônica, de forma que os soros com predomínio de IgM, mais inespecífica, apresentam reação negativa nessa prova (BRASIL, 2006).

Tabela 2: Resultados do teste do 2-mercaptoetanol.

Animais testados	Positivos	Negativos	Total
Machos (%)	0 (0)	58 (100)	58 (100)
Fêmeas (%)	14 (0,97)	1434 (99,03)	1448 (100)
Total (%)	14 (0,93)	1492 (99,07)	1.506 (100)

RIET-CORREA et al. (1998) creditava ao Estado do Rio Grande do Sul, em 1993, a prevalência de brucelose bovina em torno de 0,2%, a qual diferia da média brasileira que era de 2,3%. Os resultados do presente trabalho demonstram que não houve redução no número de animais positivos para brucelose, e sim, um leve aumento na ocorrência na região sul do Estado.

O aumento da ocorrência de brucelose em bovinos indica a necessidade de um controle mais amplo e efetivo, para que não cheguem ao consumidor alimentos que possam de alguma forma oferecer riscos para a saúde. Os produtores devem ter consciência da doença e dos problemas que ela pode provocar para a saúde pública e para a economia do país.

4. CONCLUSÕES

A análise dos resultados demonstra que o Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose Animal (PNCEBT) não foi efetivo no

controle da doença, pois não houve diminuição do número de casos de animais com brucelose na região sul do Rio Grande do Sul no ano de realização do trabalho.

5. REFERÊNCIAS

BEER, J. et al. **Doenças Infecciosas em Animais Domésticos**. São Paulo: Editora Roca, 1999.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Programa Nacional de Controle e Erradicação da Brucelose e da Tuberculose Animal (PNCEBT)** - Brasília: MAPA/SDA/DSA, 2006.

GYLES, Carlton L.; PRESCOTT, John F.; SONGER, Glenn; THOEN, Charles O. **Pathogenesis of Bacterial Infections in Animals**. Iowa: Editora Wiley-Blackwell, 2010.

RIET-CORREA, F.; SCHILD, A. L.; MÉNDEZ, M. D. C. **Doenças de Ruminantes e Equinos**. Pelotas: Editora Universitária, 1998.

VERONESI, Ricardo; FOCACCIA, Roberto. **Tratado de Infectologia**. São Paulo: Atheneu, 1996.